

Órgão Ibérico

JOÃO DUQUE

Antes de mais e sobretudo para todos os que estão menos familiarizados com este instrumento, convinha recordar que o órgão é um instrumento de sopro. Talvez já o tenhamos esquecido, na era digital e electrónica. É claro que o órgão surge catalogado como um instrumento triplo: de tecla, de sopro e tubular. Mas a produção do som faz do órgão, em sentido próprio – isto é, do órgão de tubos – sobretudo um instrumento de sopro, com ar soprado por um motor e cujo som é produzido, em realidade, por milhares de instrumentos, semelhantes a flautas de bisel e a oboés, consoante o género de tubo (flautados ou palhetas). Cada som que escutamos é sempre produzido por um corpo sonoro distinto. O que faz de cada órgão um conjunto de instrumentos, uma espécie de orquestra reunida num instrumento só: uma *sin-fonia*, no sentido originário do termo. Por isso o órgão é um corpo sonoro especial, entre todos os instrumentos musicais – o «rei dos instrumentos», segundo a grande tradição musical ocidental.

Porque esses corpos sonoros normalmente não são construídos em série, cada órgão é único, possuindo uma identidade correspondente ao seu corpo – para além de tudo o resto que o envolve e que lhe influencia as características. E refiro-me, sobretudo, à sonoridade, não tanto ao seu aspecto visível externo, que também é identificante. Ora, o que distingue essencialmente um órgão do outro é a organização dos diversos corpos sonoros, que são os tubos. Estes são distribuídos por registros, cada registro contendo, normalmente, tubos para cada uma das notas de todo o teclado. Dentro de cada registro, a sonoridade (o timbre, a coloração, etc.) é idêntica. Altera-se de registro para registro, assim como com a combinação de uns registros com outros. Daí resulta a grande variedade acústica destes instrumentos, assim como a identidade sonora de cada um deles.

Ora, se escutarmos, sem sair da Sé de Braga, o órgão do Evangelho e, de seguida, escutarmos o órgão da Epístola, vemos que estamos perante órgãos substancialmente diferentes (e basta ouvir, não é necessário ver). Mas, se, depois de escutarmos estes, escutarmos os grandes órgãos da Sé do Porto ou da Igreja da Lapa, na mesma cidade, apercebemo-nos claramente de uma maior diferença ainda. Nesta relação, aos dois órgãos da Sé de Braga poderíamos considerá-los semelhantes ou parentes. É que estes dois órgãos são ibéricos e os outros não.

O que é, então, um órgão ibérico? Imediatamente, é um órgão construído na península ibérica. Mas, em certo sentido, também é esse o caso de muitos órgãos não ibéricos (sobretudo se levarmos em conta o local onde estão colocados). Assim, teremos que definir o órgão ibérico a partir da sua identidade sonora e não tanto a partir da área geográfica de localização.

As características que distinguem o órgão ibérico aplicam-se a um modelo de órgão desenvolvido na península ibérica, sobretudo durante os séculos XVII e XVIII. Nessa altura, desenvolveram-se «famílias» de órgãos com características específicas sobretudo na Alemanha (e Países Baixos), na Itália e na nossa península. Mais tarde, já no séc. XIX, foi a vez de os franceses contribuírem com o órgão romântico ou sinfónico. Os de cá distinguem-se desses todos, por certa organização mecânica e por certa qualidade acústica.

No primeiro aspecto, trata-se de órgãos, normalmente, com um só teclado manual (o órgão do Evangelho, na Sé de Braga, é um dos poucos exemplares com dois manuais) e sem teclado de pedal. Isso distingue, à partida, as características sonoras, pois situa toda a sonoridade na zona média e aguda, não dando tanta importância aos graves, como acontece com outras tradições europeias. Por seu turno, os manuais, sendo embora de número limitado, possuem registros partidos, isto é, que só correspondem ou à parte inferior ou à parte superior do teclado. Isso permite tocar com uma sonoridade numa parte do teclado e com outra sonoridade na outra parte, servindo-se de cada teclado como se fossem dois (ou seja, o referido órgão do Evangelho teria, na prática, quatro teclados diferentes).

Quanto à organização dos registros, podemos constatar que, no campo dos sons fundamentais, que são aqueles que mais se assemelham ao som de uma flauta, o órgão ibérico segue um esquema semelhante ao dos outros órgãos: parte de um som básico, de sonoridade mais escura e simples, a que vai somando oitavas, quintas, e terceiras superiores (correspondentes aos harmónicos do som fundamental), até chegar mesmo a uma mistura, configurando desse modo um som cada vez mais brilhante e luminoso.

Já nestes registros denominados flautados, o órgão ibérico possui uma variedade sonora que faz invejar os melhores órgãos da Europa. Talvez que a despreocupação com os registros graves, por ausência de pedaleira, tenha permitido uma maior concentração na qualidade e diversidade sonora destes tubos mais pequenos. O referido órgão da Sé de Braga é um dos melhores exemplos dessa variedade.

Alguns desses registros flautados – constituídos por tubos biselados – possuem mesmo características de solistas, pois podem ser tocados sobre um fundo de acompanhamento mais neutro. Na literatura tradicional para o órgão ibérico, são os denominados *meios registros*, para mão direita ou para mão esquerda, as obras que tiram melhor partido, não só da divisão dos teclados, mas da qualidade sonora de certos registros solistas, ou de certas combinações de registros.

A esta exuberância de pormenor, junta-se uma exuberância de grandiosidade, que confere aos órgãos ibéricos um lugar único: são os registros de palhetas, desde os mais leves, que parecem imitar oboés ou instrumentos análogos, até às sonoras trombetas e aos agressivos clarins, colocadas horizontalmente – em *chamada* – e que, sobretudo nos órgãos maiores como o da Sé de Braga, constituem uma autêntica bateria de sons penetrantes e mesmo estridentes. São as *batalhas* as peças da tradição ibérica que melhor partido tiram dessa possibilidade. De resto, sobra a combinação destes níveis sonoros todos, de mil e um modos possíveis, segundo a criatividade do compositor e do organista.

Por todas estas razões, cada vez maior número de organistas e compositores se tem vindo a entusiasmar com as possibilidades do órgão ibérico. Por um lado, trata-se do mais adequado instrumento para executar o repertório histórico que foi escrito na península, durante os séculos XVII e XVIII (entre o qual, algum escrito em Braga, para o precioso instrumento da sua catedral). Trata-se de uma abordagem histórica do instrumento.

Mas este está vivo e a produção musical não pára. Como penso ter ficado claro pela descrição, a variedade sonora destes órgãos abre um leque de possibilidades que permite neles realizar música contemporânea, com características essencialmente sinfónicas. Nesse sentido, alguns compositores contemporâneos – entre os quais o compositor bracarense Joaquim dos Santos e o compositor e organista titular da Sé de Braga, Giampaolo Di Rosa – estão a explorar campos novos nas antigas sonoridades que habitam estes colossos. Ou então, quando para isso existe engenho e arte, serão as improvisações contemporâneas o meio de melhor estudar e manifestar as escondidas sonoridades possíveis.

Pela via da improvisação, revela-se outra faceta do órgão, que é a primeira: a de instrumento litúrgico. O órgão está na Igreja para acompanhar o canto ou para acompanhar, com música, momentos rituais da celebração. Tudo isso pode ser realizado pelos órgãos ibéricos, que aliás para isso foram construídos. A sua variedade sonora pode servir a rica variedade dos momentos rituais, não reduzindo tudo a uma única sonoridade amorfa, do princípio ao fim. E a sua localização, para além de favorecer o acompanhamento da assembleia, permite diversificar o espaço litúrgico, evitando uma empobrecedora concentração da celebração em torno do altar-mor. Ele pode ser a voz do edifício, assim como a voz da comunidade celebrante, a conjugar-se com o resto da encenação litúrgica.

Em contexto de concerto, escutamos sobretudo as duas primeiras possibilidades do órgão, uma vez que não estamos em nenhuma celebração litúrgica.

Iniciando pela referência à tradição histórica, um concerto completo e variado pode estender-se, depois, pela composição contemporânea, com importante lugar dado à improvisação. Será um exemplo claro de como um património artístico-cultural pode tornar-se vivo e criador de futuro, se estivermos à altura das suas possibilidades.

Como exemplo, pode referir-se o concerto do dia 4 de Maio de 2007, data de assinatura do contrato de titularidade, entre o organista acima referido e o deão do Cabido da Sé Primacial de Braga. Esse concerto, a cargo do referido organista, foi organizado pela Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, que possui no seu seio um excelente curso de música sacra, com especial realce para o órgão. Esse facto, assim como o facto de o organista da Sé ser docente nessa escola, e ainda o facto de ser um entusiasta do órgão ibérico, permitem a interpretação do referido concerto como um sinal de esperança musical e organística: em primeiro lugar, para a Sé Primacial bracarense; depois, para toda a cidade e região de Braga (onde existem muitos órgãos ibéricos); mas também para todo o país e mesmo para a península que viu nascer estes órgãos. Faço votos de que a actividade do Curso de Música da Escola das Artes da UCP possa constituir importante fonte de ressurreição para os numerosos órgãos ibéricos que povoam a nossa paisagem e que estão ainda mortos – ou porque não podem ser tocados, ou porque, apesar de honrosas e cada vez mais numerosas excepções, ninguém os toca como deve ser.